

FERTILIZANTES, UMA LIMITAÇÃO AO CRESCIMENTO

*** Roberto Rodrigues**

O Brasil é sabidamente um grande produtor agrícola mundial. Em 2006, produzimos 122 milhões de toneladas de grãos. Os Estados Unidos produziram 422, a China 401, a União Européia 247 e a Índia 204. Estão todos muito à nossa frente, mas nenhum deles tem o nosso potencial de crescimento. Em 2008 vamos superar os 135 milhões de toneladas. Cultivamos hoje 62 milhões de hectares e temos pelo menos mais 90 milhões, hoje ocupados com pastagens, que virão, com o tempo, ampliar a área agrícola.

Também sabemos de nossas limitações, em logística, além dos já decantados problemas de recursos para tecnologia, defesa sanitária, endividamento, etc.

Mas há hoje uma discussão bastante inquietante, que é o suprimento de fertilizantes.

Pero Vaz de Caminha, para agradar ao Rei de Portugal, contou uma peta que até hoje vem prejudicando o Brasil, ao dizer que “nesta terra, em se plantando, tudo dá”. Nada mais irreal. Nossos solos em geral são pobres, salvo algumas áreas de terra boa, minoria destacada. O cerrado, maior extensão de nossas terras, é quimicamente deficiente, e a correção e a adubação são pesadas e custosas. E a abertura da fronteira agrícola, majoritariamente sobre pastos neste setor, implica em crescimento de demanda por fertilizantes.

Em 1983, segundo dados da ANDA, o Brasil produzia 68% de todo NPK (nitrogênio, fósforo e potássio, principais macronutrientes) que consumia, importando só 32%. Ano passado, importamos 65% do nosso consumo, para uma produção interna de 35% apenas. Vale salientar que o consumo de nutrientes em 1983 foi de 2,9 milhões de toneladas, e em 2006 foi de 8,9 milhões, ou 3 vezes mais.

As previsões para 2025 são preocupantes. Considerando a tendência de crescimento da área plantada e da produção agrícola brasileira, vamos consumir 47 milhões de toneladas de fertilizantes, que são o produto final, incorporando os nutrientes aos veículos, e 23 milhões de toneladas de nutrientes, das quais 86% serão importadas.

Dos 3 principais macronutrientes, temos chances de crescer um pouco em Nitrogênio (N), em função de possuímos a matéria prima que é gás natural, e em fósforo (P), porque temos jazidas de rocha fosfatada. E quase nada em potássio (K) do qual importaremos 95% em 2025.

Por outro lado, não há limitações na produção mundial dos nutrientes com os quais se fabricam os fertilizantes. O Brasil é pobre, mas são ilimitadas as reservas de outros países, como Rússia (potássio e nitrogênio), Oriente Médio (nitrogênio), Marrocos (fósforo) e Canadá (potássio). China, Estados Unidos e Índia são grandes produtores, mas também grandes consumidores de adubos. A este respeito, há dados esclarecedores: a China produz 43 milhões de toneladas de nutrientes, mas consome 49 milhões; e os Estados Unidos produzem 17 milhões e

consomem 19 milhões de toneladas; a Índia produz 15 e consome 21 milhões. Sobram os outros países, com excedentes gigantescos: a Rússia produz 14 milhões de toneladas de nutrientes, e o Canadá 11 milhões, entre outros.

Em suma, é um assunto delicado e que demanda estratégia e ação desde já porque é crucial para a realização da nossa vocação agrícola.

Para começar, precisaríamos resolver uma complicada equação de caráter tributário, considerando os interesses dos agricultores, que passaria pela redução das alíquotas interestaduais de ICMS e o reestudo das alíquotas internas do mesmo tributo.

Mas isso poderia elevar o preço para os agricultores de determinados estados. Para compensar seria necessário eliminar o imposto sobre o adicional de frete de marinha mercante, que onera cada tonelada importada em 40 dólares.

Uma outra questão é a tecnológica. Precisamos estudar as alternativas ao sistema tradicional de adubação para a realidade edafoclimática brasileira. Desde o uso de orgânicos, passando pela adubação verde, rotação de culturas, etc, há um grande arsenal de ações técnicas que podem e devem ser avaliadas, além de outras inovações.

São idéias que apenas arranham o tema, e que ainda precisam ser bem discutidas, além da negociação com fornecedores para o longo prazo.

*** Nota:** fertilizante é a soma dos nutrientes com os “veículos”, também chamados “enchimento” ou “matéria inerte”.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**